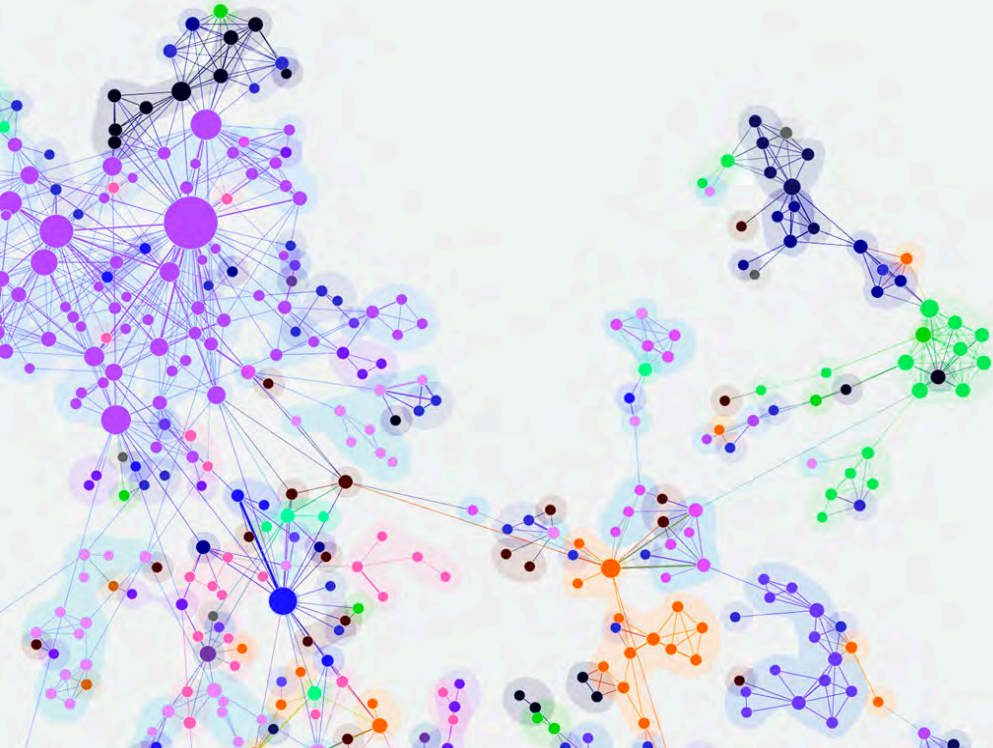


# Os sistemas das mídias sociais

emergência, circunstância e movimento



**cândida almeida**

SENAC-SP / PUC-SP

Professora do Centro Universitário SENAC de São Paulo, da Faculdade Escola de Comércio Álvares Penteado (FECAP-SP) e diretora executiva da revista TECCOGS (TIDD / PUC-SP). Doutora e Mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP).

*contato: [candidaalmeida@yahoo.com.br](mailto:candidaalmeida@yahoo.com.br)*

## RESUMO

O presente artigo busca apontar o modo fenomenológico-sistêmico de ocorrência das trocas informacionais e das complexas relações que se instauram nos contextos dinâmicos das mídias sociais, partindo da análise de três parâmetros, aqui entendidos como fundamentais para o esclarecimento das linguagens, contextos e processos inerentes às redes sociais digitais da internet. A proposta é tecer um caminho epistemológico para entender sob o ponto de vista fenomenológico como os signos participantes deste contexto podem se apresentar, como se comportam em seus diversos contextos sistêmicos - socioculturais, tecnológicos, gráficos – e como tendem a ocorrer os processos evolutivos midiáticos das redes sociais.

## PALAVRAS-CHAVE

Mídias sociais. Semiótica Peirceana.  
Sistemas. Redes sociais. Fenomenologia

## ABSTRACT

This article aims to identify the systemic and phenomenological modes of informational exchanges and the complex relationships that establishes context can be presented, in the dynamic contexts of how they behave in their social media, based on the different systemic contexts - analysis of three parameters, socio-cultural, technological, therefore understood as critical graphics - and how the to clarify languages, contexts mediatics evolutionary and processes inherent to processes tend to occur in digital social networks in social networks.

## KEYWORDS

Social media. Peircean Semiotics.  
Social networks. Phenomenology

---

## Introdução

No atual contexto das possibilidades de comunicação, nos deparamos com diversos desafios do homem para acompanhar e se adaptar às novas condições de produção, interação e desenvolvimento das relações interpessoais provocadas pelos avanços tecnológicos midiáticos. A eles estão associados os processos de atualizações das interfaces mediadoras e a aceleração do ritmo com que cada vez mais os aparatos midiáticos tornam-se extensões e partes operantes dos corpos físicos, psicológicos e cognitivos dos seres humanos. Dentre as questões que surgem neste contexto, destacam-se:

- as novas condições e efeitos desencadeados pela ampla e já habitual utilização das redes sociais digitais da internet e seus reflexos na forma de representação de identidades<sup>1</sup>;

---

<sup>1</sup> Sejam dos indivíduos, grupos, empresas, instituições públicas, entidades, organizações políticas, organizações ideológicas, entre tantas outras.

- as formas de estabelecimento de laços interpessoais nos processos inerentes à produção e veiculação de conteúdo<sup>2</sup>;
- os espaços de mediação dos processos de comunicação que se ampliam com a acelerada utilização dos dispositivos móveis<sup>3</sup>;
- a própria relação do ser humano com a noção de tempo e temporalidade, uma vez que lidamos cada vez mais com diversas informações simultâneas que se organizam, desorganizam, evoluem de forma não lineares, numa dinâmica multitemporal, tal como defende, André Parente (2010) ao tratar da tecnologia no contexto das redes.

---

<sup>2</sup> Em processos hipermediáticos dinâmicos do uso e exploração das diversas linguagens operantes.

<sup>3</sup> Dispositivos como *smartphones*, *smartwatches*, *tablets*, óculos de realidade aumentada (como o Google Glass) entre outros suportes que possibilitam o acesso imediato às mídias sociais.

Na sociedade contemporânea, as tecnologias de comunicação e informação desterritorializam o espaço e o tempo da história das culturas. [...] é a primeira vez na história da humanidade que a realidade do aqui e agora se encontra imersa nas tramas da temporalidade maquínica, que, a cada dia que passa, vai tornando mais complexo e espesso nosso aqui e agora. [...] Na verdade, seria mais exato dizer que a multitemporalidade nos leva a uma outra concepção e imagem do tempo. (Parente *in* Parente, 2010, p. 94)

Diante deste cenário, propõe-se aqui um mapeamento fenomenológico de parâmetros fundamentais para análise dos processos interativos decorrentes das mídias sociais. O objetivo é direcionar a análise crítica dos movimentos sistêmicos das linguagens, contextos e processos inerentes às redes sociais digitais da internet. Especificamente, os parâmetros apresentados são: **emergência**, **circunstância** e **movimento**. Os signos emergentes nas redes de mídias sociais; as circunstâncias sociais, tecnológicas, de tempo e espaço e, por fim, o movimento das informações, dos laços, das identidades, das características das redes e das possibilidades de interconexão nestes contextos mutantes.

Assim, propõe-se que a análise de toda e qualquer situação possa ser observada por estes três parâmetros, aqui entendidos como condições fenomenológicas inerentes aos processos mediados das redes sociais digitais da internet. Por serem propostas como parâmetros fenomenológicos, essas condições são onipresentes, concomitantes e interdependes, muito embora cada uma delas traga o ponto de vista da análise de uma especificidade no seu contexto sistêmico.

Esse é um caminho que demonstra como o fenômeno midiático das redes sociais digitais interativas ocorre. Para tanto, encontramos fundamentação em duas teorias: de um lado a Teoria Semiótica (mais especificamente, a fenomenologia, base fundamental da Semiótica Peirceana) e de outro a Teoria Geral de Sistemas – com especial destaque aos estudos de Mario Bunge, Edgar Morin e Jorge A. Vieira – para dar clareza à natureza dessas mídias.

A Semiótica aparece como fundamento para evidenciar o ponto de vista fenomenológico das mídias sociais e servir como ferramenta para análise dos elementos de linguagem e modos interpretativos dos processos interativos dos fenômenos midiáticos das redes sociais digitais interativas em suas condições de fragmentação, circunstancialidade e movimentação sígnica.

A Teoria Geral de Sistemas é utilizada para a compreensão do contexto complexo e dinâmico no qual se inserem essas mídias: a pluralização dos dispositivos<sup>4</sup> de conexão a essas redes somada ao movimento crescente dos processos de atualização da internet e à evolução transformadora do meio e de seus agentes (internautas) partícipes.

Apesar de munidos de ferramentas eficientes para análises dos processos comunicacionais, apontar os fundamentos da natureza das mídias sociais e seus processos relacionais de comunicação não é uma tarefa nada simples, especialmente quando se parte do pressuposto de que essas mídias (e seus meios) ainda não consolidaram com clareza quais são seus limites (se é que existem) de linguagem e de impacto cognitivo e social.

Trata-se aqui da natureza de um objeto ainda em processo de formação e adaptação em um mundo que nos impõe uma velocidade dantes nunca vivenciada. Velocidade no que diz respeito à quantidade e proliferação das informações comunicadas, à quantidade e modernização dos suportes disponíveis para atualização das informações, às mudanças estruturais dos próprios

meios de comunicação<sup>5</sup> em função dos avanços tecnológicos<sup>6</sup> e às mudanças interpretativas (cognitivas) do público a partir do contato e familiarização com essa dinâmica troca produtiva de informações. Contato esse, tão íntimo e ativo que tem impulsionado alguns autores a repensarem a classificação de “público”. Pisani & Piotet (2010) no livro “Como a web transforma o mundo – a alquimia das multidões”, por exemplo, defendem que deve-se respeitar essa condição em que os sujeitos passam efetivamente a interagir, criar, dinamizar as trocas e chamá-los de *web* atores.

Já não são mais navegadores passivos, que consomem, sem reagir, a informação que lhes é proposta nos sites mantidos por especialistas. Os usuários atuais propõem serviços, trocam informações, comentam, envolvem-se, participam. Eles e elas produzem o essencial conteúdo da web. Esses internautas em plena mutação não se contentam só em navegar, surfar. Eles atuam; por isso decidimos chama-los de “web atores”. (Pisani & Piotet, 2010, p. 16)

<sup>5</sup> Um exemplo é a mudança de velocidade das bandas de conexão e os pontos sem fio de redistribuição da internet.

<sup>6</sup> Como a proliferação de dispositivos móveis adaptados e/ou direcionados a suportar e interfacear essas redes.

<sup>4</sup> Sabendo-se que os dispositivos móveis impactam sobremaneira essa situação.

Essa condição de atores transformadores (*web* atores) dos conteúdos distribuídos em rede, das relações interpessoais e como amplificadores dos usos das mídias, demanda caminhos alternativos para que se possa pensar as dinâmicas que surgem nos movimentos sociotecnológicos contemporâneos. É exatamente aí que surge a necessidade de propor parâmetros que considerem a complexidade mutante das mídias sociais e suas reverberações nas condições sociais de comunicação e produção de conhecimento.

## Condição fenomenológica das redes sociais: emergência

Entendemos que as mídias sociais necessitam serem analisadas sob o ponto de vista fenomenológico para que assim seja possível compreender a essência desses processos midiáticos que, diga-se, em muito contribuem para o entendimento de parte das condições atuais da sociedade contemporânea. Vale ressaltar que a escolha teórica se dá a partir dos fundamentos conceituais da Fenomenologia Peirceana, desenvolvida pelo cientista norte-americano, Charles Sanders Peirce (\*1839 - †1914),

que, por sua vez, é a base científica que fundamenta a sua teoria semiótica<sup>7</sup>.

A Faneroscopia (Fenomenologia Peirceana) cuida do entendimento do que é o *faneron* (fenômeno). Para Peirce, o *faneron* é todo e qualquer elemento observável, qualquer coisa que se apresente em uma mente qualquer, sem que haja necessidade de considerar a sua realidade.

Faneroscopia é a descrição do *faneron* (fenômeno); e pelo fenômeno eu designo o total coletivo de tudo que se apresente à mente, não obstante se correspondem a algo real ou não. Se você perguntar quando se apresenta e em qual mente, eu deixo estas perguntas sem respostas, nunca ignorando a dúvida dessas características do fenômeno que sempre encontro na minha e em todas as mentes. Há tempos, desenvolvi esta ciência, a faneroscopia, que se ocupa dos elementos formais dos fenômenos. (CP 1.284)<sup>8</sup>

Os elementos formais do estudo dos fanerons aos quais Peirce faz referência na passagem acima é o

<sup>7</sup> Por este texto ter o formato de artigo científico, que tem por princípio o resultado sintético de investigações de pesquisas mais densas, à medida que as categorias forem sendo sucintamente explicadas, já iremos defendendo a aproximação conceitual aqui proposta: apresentar os parâmetros de análise.

<sup>8</sup> Nossa tradução.



desenvolvimento das três categorias fenomenológicas<sup>9</sup>. Cabe à Fenomenologia o governo do modo de ser da experiência. Qualquer elemento material, ação, pensamento, qualidade ou sentimento pode ser observado de forma fenomenológica, do modo de sua ocorrência, seja qual for a sua natureza. A esse respeito, Ibrí (1992) esclarece:

A Fenomenologia, por pretender a formação dos modos de ser de toda experiência ou categorias, parece não poder submeter-se a outro método de que não aquele constituído, fundamentalmente, pela coleta de elementos de incidência notável e pela posterior generalização de suas características. (Ibrí, 1992, p. 06)

Cabe à Fenomenologia o governo do modo de ser da experiência. Qualquer elemento material, ação, pensamento, qualidade ou sentimento ocorre, segundo Peirce, de forma fenomenológica. Ivo Ibrí (1992) ainda esclarece a necessidade de Peirce em categorias para o entendimento da Fenomenologia, uma vez que esta, pelo

fato de reger o modo da experiência, “[...] parece não poder submeter-se a outro método de que não aquele constituído, fundamentalmente, pela coleta de elementos de incidência notável e pela posterior generalização de suas características”. (p. 06).

Considera-se, pois, que ao se realizar análises das mídias sociais enquanto conjuntura de fenômenos midiáticos em seus diversificados contextos e amplas representações, o que se constitui de fato é a busca pelos modos como se dão as experiências ocorridas nas redes digitais. Experiências midiáticas tão densas que repercutem transformações até mesmo fora do contexto de uso da própria mídia, como são os casos, por exemplo, em que trazemos as vivências nas redes sociais para os diálogos presenciais, ou como quando as ocorrências nas mídias sociais acabam pautando a imprensa e sendo repercutidos em outros meios de comunicação.

Peirce defende, conforme sua proposta fenomenológica, que os modos de ser da experiência são reduzidos a três categorias universais. Ou seja, categorias irreduzíveis e aplicáveis a todo e qualquer fenômeno (ou *faneron*).

Tento uma análise do que aparece no mundo. Aquilo com que estamos lidando não é metafísica: é lógica, apenas. Portanto,

<sup>9</sup> A primeira vez que Peirce fez a proposição de suas categorias fundamentais foi ainda no século XIX (1867), através da publicação do artigo intitulado “Sobre uma Nova Lista de Categorias”. Ao longo de 35 anos, ele reformulou algumas vezes essas categorias, aprimorando-as e tornando-as cada vez mais geral até chegar às três categorias fenomenológicas.

não perguntamos o que realmente existe, apenas o que aparece a cada um de nós em todos os momentos de nossas vidas. Análise a experiência, que é resultante cognitiva de nossas vidas passadas, e nela encontro três elementos. Denomino-os Categorias. (Peirce, 1999, p. 22-23)

As referidas categorias são: a primeiridade, a secundidade e a terceiridade. Antes de expô-las em suas características particulares, faz-se necessário colocar que, ainda que o *faneron* (fenômeno) tenha a visível predominância de uma dessas categorias, as outras duas também estarão presentes em algum grau no fenômeno analisado. Ou seja, não existe um fenômeno que não seja regido pelas três categorias. Cada uma será responsável por uma dada característica do fenômeno. Assim, toda a análise feita sobre o objeto aqui debatido (as mídias sociais) tem por princípio ser analisado em seu processo de engendramento fenomênico.

Vale destacar, ainda, que o fenômeno é um *continuum*<sup>10</sup> no tempo. Apesar de aqui tratarmos, em

certas ocasiões, do fenômeno como algo, em verdade ele é um eterno tornar-se algo. A proposta de apresentação de parâmetros para análises dos fenômenos em mídias sociais, realizada neste artigo, está justamente pensada segundo tais condições: serem aplicadas segundo seu engendramento lógico e como um processo aberto, não estacionado em nenhuma linguagem, espaço, tempo ou composição sígnica. Trata-se, pois, de um sistema de parâmetros interligados, coexistentes e inerentes à sua própria condição fenomenológica.

Assim, segue-se que a primeiridade – também entendida como presentidade – é a categoria que rege as qualidades de sensação, a espontaneidade, a talidade do fenômeno que brota da experiência. É o fenômeno em si, como nos aparece, sem que possamos atribuir-lhe qualquer juízo perceptivo, sem qualquer interpretação. Arena das qualidades e potencialidades, essa categoria é responsável pela capacidade de todo fenômeno vir a se representar. É o leque infinito de possibilidades de algo vir a ser. O algo, no caso, é o fenômeno. Vir a ser é, por assim dizer, a anunciação, o devir, a potência de materialização no mundo, a abertura para sua experiência. É inerente, ainda, a essa categoria, a ideia de *mônada*. Isso significa dizer que, do ponto de vista metafísico, é a talidade do fenômeno, seu modo pré-maturo.

<sup>10</sup> O *continuum* é a ideia da continuidade ou contiguidade no exercício metafísico de se conceber a existência de algo no mundo. Também pode ser tomado a partir do conceito de semiose que é a sequência ininterrupta de um signo transformando-se em outro numa cadeia eterna de representações que adquirem novas características no curso do tempo, transformando-se, assim, noutras representações, *ad infinitum*.



Não me refiro ao experienciar agora a sensação, ou vivê-la na imaginação ou na memória. Nesses casos a qualidade é apenas um elemento envolvido no evento. Interessa-me a qualidade em si mesma, que é um poder-ser não necessariamente realizado. (Peirce, 1974, p. 95)

A potencialidade tecnológica (antes de ser materializada) pode ser encarada como uma qualidade que potencializa essa faculdade de atualização, que traz o novo, a descoberta, que abre as relações sociais para novos paradigmas e processos.

É deste contexto que surge, portanto, a defesa de buscarmos nas análises das mídias sociais, a condição inequívoca da **emergência** dos signos. De íntima relação com a categoria fenomenológica da primeiridade, a emergência é um dos parâmetros aqui propostos e que deve ser entendido de forma engendradora com os demais: circunstância e movimento. A condição de emergência enquanto parâmetro de análise, fenomenologicamente correspondente à primeiridade, precisa ser considerado, uma vez que se trata de um tipo de mídia que se atualiza constantemente em diversas camadas: de linguagem (os modos e formatos como os signos tendem a surgir), social (as possibilidades de construção das mais diferentes formas de relacionamento) e cognitiva (as transformações

nas formas de leitura, processamento da informação e produção de conhecimentos gerada pelas intensas mudanças ocorridas nesses contextos).

O leque de possibilidades sobre quais tipos de processos interativos que podem ser desenvolvidos, a diversidade de signos que pode ser materializada em uma área de *feed*<sup>11</sup> ou em uma linha do tempo, a potencialidade que há de novos atores participarem da rede e se interconectarem, são exemplos claros e contundentes do processo de emergência das experiências em mídias sociais, que se cruzam com outras emergências ou outras existências em seus processos de materialização e representação.

Alargando a questão, voltando-nos à amplificação desses potenciais em função da larga utilização dos dispositivos móveis com acesso à internet, Santaella (2007), ao tratar das Linguagens Líquidas na era da mobilidade, coloca:

Nesta era da comunicação móvel, todos testemunhamos o desaparecimento progressivo dos obstáculos materiais que

<sup>11</sup> Área de exibição da coleção (muitas vezes com seleção imposta pelos filtros dos *sites* de redes sociais) das principais atualizações da rede de contatos (sujeitos, empresas, propagandas). Convencionou-se o uso dos *feeds* como um dos principais elementos de interface das mídias sociais.

até agora bloqueavam os fluxos dos signos e das trocas de informação. Cada vez menos a comunicação está confinada a lugares fixos, e os novos modos de telecomunicação têm produzido transmutações na estrutura da nossa concepção cotidiana do tempo, do espaço, dos modos de viver, aprender, agir, engajar-se, sentir, reviravoltas na nossa afetividade, sensualidade, nas crenças e nas emoções que nos assomam. (Santaella, 2007, p. 25)

As mídias móveis potencializam efetivamente esse campo, abrindo o leque das emergências para muito além do restrito e codificado mundo da *web*. Andando pela rua com um *smartphone* com acesso a qualquer tipo de rede que me conecte à *web*, posso alterar a dinâmica dos fluxos da minha e das linhas do tempo de todos que, de alguma forma, se conectam a mim. Hoje, podemos dizer, sem medo, que toda e qualquer informação alcançável pela percepção humana carrega em si uma possibilidade de representação midiática. Essa é a imanência clara da primeiridade dessa natureza, a possibilidade, a qualidade de fazer emergir.

## Condição fenomenológica das redes sociais: circunstância

A relação de um determinado fenômeno com outra coisa é uma etapa fenomenológica que corresponde ao modo de conflito da experiência. A esta ocorrência, Peirce considera a regência da segunda categoria classificada como secundidade. São atribuídas à secundidade, as características de apresentação, ação e reação, conformação, existência, resistência, atualidade e, especialmente, conflito. “A segunda categoria - o traço seguinte comum a tudo que é presente à consciência - é o elemento de ‘conflito’. (...) Por conflito, explico que entendo a ação mútua de duas coisas sem relação com um terceiro, ou *medium*, e sem levar em conta qualquer lei da ação”. (Peirce, 1974, p. 96). Conectar-se a uma rede social é uma ação que propicia o conflito, a reação, a atualização, enfim o modo de ser da experiência. Isso porque essas mídias se movimentam, justamente, pelos processos de materialização de diversificados tipos de signos (*posts* visuais, verbais, audiovisuais,

tagueamentos<sup>12</sup>, aparecimento de novos *links* internos ou externos à mídia), pelas ações de contato entre os sujeitos, pelas ações de respostas e compartilhamento das informações, pela atualização das interfaces, entre tantas outras situações inerentes à materialização sígnica, ainda que em intervalos de tempos não-lineares e conexões espaciais ubíquas.

Tais processos de materialização dependem, ainda, dos contextos midiáticos, temporais, tecnológicos em que estão inseridos. Ou seja, em cada circunstância em que experienciamos as relações nas mídias sociais, nos conectamos a uma nova rede de situações que incluem o espaço no qual estamos inseridos, as mensagens que participam daquele contexto, as possibilidades interativas e os dispositivos que realizam o processo de interfaceamento das informações e relações. Assim também o é toda sorte de buscas realizadas no interior dessas redes, associações criadas nas ações de marcar uma pessoa ou ao elencar um destaque através de uma

*hashtag*<sup>13</sup>, por exemplo. Como atores do universo da *web*, através das mídias sociais, entramos todos em contato com centenas, às vezes milhares de informações, diariamente. Um processo veloz de atualização que, através de recursos como a linha do tempo (que determina a circunstância), marca a aceleração da quantidade de informações a que temos que reagir. Toda informação em mídia digital, antes de ser publicada, curtida, compartilhada, *tagueada* numa interface, é colocada em recorte, destaque, seleção circunstanciais.

Esse poder da atualização em determinado contexto carrega a força fenomenológica evidente da secundidade e aqui destacamos o segundo parâmetro de condição de análise das mídias sociais: a circunstância. Ou seja, para toda emergência, há uma circunstância devida em que os processos de materialização fenomenológica devem ocorrer para se movimentar.

<sup>12</sup> Tagueamento = neologismo para evidenciar a ação de etiquetar informações (*to tag*, do inglês). A noção de etiquetamento das informações nasce no mundo da *web* através das classificações de conteúdos dos *blogs* (hipermídias em que o próprio público produz e publica suas informações em um endereço e interface própria) e ganhou popularização com as *hashtags* (#) do Twitter, etiquetas que destacam o assunto e podem estabelecer métricas sobre quantos atores fizeram menção ao tema em um dado período de tempo.

<sup>13</sup> Palavras destacadas em alguns sites de redes sociais para que sejam *hiperlinks* e que possam ser indexadas pelos mecanismos de busca internos ou externos ao sistema da rede social em questão. O destaque dessas palavras é dado pelo uso do símbolo '#' antes do termo.

## Condição fenomenológica das redes sociais: movimento

Para que um fenômeno complete a sua evidência enquanto tal, é necessário que estabeleça alguma relação representativa com outro, ou seja, que entre em contato com um terceiro que o interprete. Esse processo de abertura às possíveis interpretações e representações fenomênicas é regido pela categoria da terceiridade. À terceiridade aliam-se as ideias de generalidade, representação, significação, propósito, mediação, infinitude, codificação, difusão, crescimento, regularidade, lei, etc. Para Peirce, “Em qualquer relação triádica, achar-se-á sempre um elemento mental. Ação bruta é segundidade<sup>14</sup>, mentalidade envolve terceiridade.” (Peirce, 1974, p. 122) O que é o envolvimento da faculdade mental senão a clara noção da continuidade de um dado conflito? Isso é terceiridade. Portanto, cabem à terceiridade, as decorrências da continuidade, mudança e crescimento. Tudo é vivo, tudo se transforma. A continuidade representa a terceiridade na perfeição.

Qualquer processo cai nessa categoria. (*Ibid.*, p. 98) Nesse sentido, é fato conclusivo que, quando recortamos um fenômeno para análise, extraímos um momento da sua continuidade. Se assim o fazemos, todo recorte é uma pausa na existência do fenômeno e nunca possibilitará a leitura completa do fenômeno já que este cresce, evolui. É através desse raciocínio que Peirce declara que a terceiridade é um *medium*, uma mediação. “Por terceiro entendo o *medium*, ou o vínculo ligando o primeiro absoluto e o último. O começo é primeiro, o fim segundo, o meio terceiro. O fio da vida é um terceiro, o destino que o corta, um segundo”. (*Ibid.*)

Essa mediação fica clara pelo fato de o fenômeno ter uma memória interna sobre aquilo que ele representa. Terceiridade é representação, continuidade, generalidade e abertura para interpretação. Numa rede social, qualquer comentário, “curtida”, “cutucada”, compartilhamento são caminhos que abrem portas para novas manifestações e são recheados de atitudes mentais deliberadas que se transformam em processos mediadores, que irão se transformar em novos processos, assim por diante. A todo instante aprendemos a lidar com novos recursos, novas linguagens, novos padrões. Essas são manifestações claras de um universo mutante, crescente, evolutivo que nos obriga a interagir em processos contínuos de readaptação. As possibilidades de movimentos propiciados pelas redes

<sup>14</sup> Na tradução de Armando Mora D'Oliveira e Sergio Pomerangblum dos *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, publicada pela Coleção Os Pensadores de 1974 (São Paulo: Abril Cultural), o termo utilizado pelos tradutores é Segundidade, muito embora o termo traduzido mais comumente adotado seja secundidade.

digitais da internet são aqui entendidas como o terceiro parâmetro de análise: o movimento. Assim o pontuamos para considerar a própria dinâmica sistêmica das mídias sociais. Uma dinâmica de redes que se estabelecem a cada emergência, a cada circunstância. Sobre o conceito de rede, Pierre Musso (*in* Parente, 2010) aponta que

Ela é, ao mesmo tempo, o vínculo de um elemento com um todo, o vínculo entre diversos estados de um todo e o vínculo da estrutura de um todo com o funcionamento de um outro. Graças à rede, tudo é vínculo, transição e passagem, a ponto de confundirem-se os níveis que ela conecta: que se trate da interação entre elementos, da engendração de uma estrutura por uma outra ou ainda do funcionamento de um sistema complexo. (p. 33)

A partir da passagem acima, é possível notar uma saudável convergência conceitual entre a proposta que é feita neste artigo e as ideias do autor. Ao apontar o “vínculo com um elemento com um todo, parece-nos plausível a aproximação com o processo de **emergência** dos signos na rede. Ao tratar do “vínculo entre diversos estados de um todo” é possível considerar a condição de **circunstância** da rede. Já quando o autor faz menção ao “vínculo da estrutura de um todo com o funcionamento

de um outro”, subentende-se a ideia de **movimento** da própria rede. Fazemos parte do próprio meio e, portanto, transmutamos toda sorte de informações, intensões e processos de representação, deixando o campo interpretativo completamente escancarado para as próximas e/ou simultâneas relações comunicacionais. Esse contexto é a própria característica motriz da formação *sígnica* da *web* pelas mídias sociais. Os interpretadores das informações (público) saem do papel de audiência, de espectador para assumir o papel de ator, de referência. Uma referência polifônica que projeta os limites da *web* (através das mídias sociais) para caminhos cujos horizontes ainda nos parecem nublados.

Reside em questões como a acima colocada, o caráter fundamental do movimento das mídias sociais que vem representando boa parte das redefinições da *web* e do comportamento dos próprios internautas com a rede da internet. Essa é a marca, a presença clara e manifesta da terceiridade, fenomenologicamente pontuando. Um sistema que se abre evolutivamente para um contexto dinâmico sem muita previsibilidade.

Parece-nos, portanto, apropriado que o entendimento fenomenológico das redes sociais digitais da internet considere essas três condições (que são parâmetros para análises): **emergência**, **circunstância** e **movimento**.

## A complexidade da web: ambientes sógnicos e sistêmicos

Para Peirce o mundo está repleto de signos que presentificam desde qualidades de sentimentos ainda nem percebidas às mais gigantescas edificações da construção civil. Tudo é signo. Os signos representam um objeto dentro de uma cadeia – a semiose – de transformação ininterrupta de um signo em outro signo. No entanto, é preciso lembrar que os signos não se apresentam de maneira isolada, mas contrapostos a outros signos em determinadas composições. Essas composições não são aleatórias, exigem certo grau de concordância entre os elementos sógnicos e, para que os signos sejam parte de uma dada composição, é necessário que estejam relacionados, de alguma forma, àquele conjunto.

A necessidade de estudo da composição sógnica e suas relações com outros signos, sejam internos ou externos ao seu conjunto, leva-nos a entender essas composições como sistemas de trocas. Partindo desse pressuposto, torna-se lúcida a aproximação com a Teoria Geral de Sistemas (T.G.S.), que privilegia, justamente, o estudo das relações entre os elementos de uma composição. Relações essas, dadas pelo compartilhamento de propriedades que, no curso do tempo tendem a evoluir (modificar-se),

conforme mudanças decorrentes das relações internas e do contato com o ambiente no qual o sistema está imerso. É exatamente esse movimento que caracteriza aquilo que podemos considerar dentro da T.G.S. como evolução sistêmica. Ou seja, tratamos os sistemas como vivos, não estacionados, modificáveis, evolutivos.

É importante destacar que encaramos as mídias sociais como um sistema dinâmico, imerso em um ambiente que favorece modificações ininterruptas de suas propriedades, dada a capacidade que esse sistema tem de se transformar (movimentar) no tempo. O ambiente (no caso a *web*) – que pode ser considerado outro sistema mais abrangente no qual os sistemas mídias sociais estão imersos, aglutina diversos outros sistemas que, no curso do tempo, vão favorecer sua evolução.

A escolha pela abordagem sistêmica revela-se fundamental, pois, a partir dela, acessamos um conjunto teórico eficiente ao estudo das relações entre os elementos integrados de um sistema específico, bem como a dinâmica evolutiva de contato com as propriedades de seu ambiente invólucro. Assim, encontramos fundamento conceitual para investigar a complexidade existente nas relações entre os elementos que se conectam fora de seu sistema, provocando substanciais alterações evolutivas no interior desses processos de comunicação interpessoal que se manifestam pelas infovias da *web*.



É encarando tal complexidade que se verifica a importância de começarmos a traçar as particularidades próprias dos sistemas de mídias sociais, de um lado, e os efeitos imersivos do todo sistêmico (o sistema e seus ambientes), de outro. Nesse sentido, encontramos em Edgard Morin (2012) lucidez para enfrentar nosso caminho metodológico

Não podemos mais considerar um sistema complexo segundo alternativa do reducionismo (que quer compreender o todo partindo só das qualidades das partes) ou do 'holismo', que é menos simplificador e que negligencia as partes para compreender o todo. Pascal já dizia: 'Só posso compreender um todo se conheço, especificamente, as partes, mas só posso compreender as partes se conhecer o todo.' Isso significa que abandonamos um tipo de explicação linear por um tipo de explicação em movimento, circular, onde vamos das partes para o todo, do todo para as partes, para tentar compreender um fenômeno. (MORIN, 2010, p. 182)

Consideramos que uma plataforma de mídia social – tomemos o Facebook como exemplo para seguir as explicações – é uma formação sistêmica dinâmica por envolver entre tantas outras características, as

possibilidades de materialização e desenvolvimento de informações através do sistema digital, ser acessada de maneira interfaceada por diversos tipos de suportes (computadores *desktop*<sup>15</sup>, *laptops*<sup>16</sup>, televisores *smartphones*<sup>17</sup>, *tablets*<sup>18</sup>, entre outros equipamentos que possuem conexão à internet), ser visualizada tanto por *browsers*<sup>19</sup> quanto por aplicativos específicos, servir de ponto de redistribuição de informações dos mais variados formatos e linguagens (videográficas, fotográficas, textuais, musicais, etc.), servir como ponto de reunião e encontro de conexão de perfis<sup>20</sup>, grupos, páginas, ter o seu corpo constante e ininterruptamente modificado pelas publicações de seus atores e toda a sorte de possibilidades derivadas da convergência dessas e de tantas outras características.

Observamos esse tipo de produção como um arcabouço de complexas relações próprias em suas particulares **circunstâncias** que, se encaradas sob o ponto

.....  
<sup>15</sup> Computadores de mesa.

<sup>16</sup> Computadores portáteis.

<sup>17</sup> Dispositivos móveis multifunções que incluem, necessariamente, o serviço de telefonia e acesso à internet.

<sup>18</sup> Suporte digital interativo móvel capaz de processar e servir de interface para execução de tarefas simples tradicionalmente realizadas pelos microcomputadores pessoais.

<sup>19</sup> Navegadores da internet. *Softwares que traduzem a linguagem*.

<sup>20</sup> Assim, por exemplo, pessoas estabelecem proximidade de links e nós entre seus interesses na web.

de vista sistêmico, podem ser estudadas de maneira mais lúcida e integrada. Para iniciar esse entendimento é importante colocar que tratamos de considerar que o estudo sistêmico é uma das formas de se acessar a realidade, sendo que seus sistemas são, por excelência, abertos. Ou seja, trocam informações, evoluem se **movimentam** no seu curso semiótico.

Admitiremos assim que a realidade é formada por sistemas abertos, tal que a conectividade entre seus subsistemas, com o conseqüente transporte de informação, gera a condição em que cada subsistema é mediado ou vem a mediar outros, comportando-se como signo, de acordo com a proposta de Peirce. Dessa forma, temos a possibilidade de conciliar a visão sistêmica com a semiótica peirceana, o que nos parece uma dilatação ontológica fértil para o estudo da complexidade. (Vieira, 2008, p. 29)

Com grande cuidado, Vieira (2006, 2007 e 2008) esclarece os princípios mais gerais da T.G.S. e, a partir de duas definições complementares, estabelece como um sistema deve ser compreendido. De um lado, revisitando os estudos do russo, Avaniir Uyemov (1975), destaca a importância de se considerar as propriedades das relações estabelecidas entre os elementos de um sistema.

Segundo Santaella & Vieira (2008) é importante que se destaque o valor que Uyemov atribui à **emergência** (capacidade de o sistema adquirir novas propriedades a serem partilhadas) e partilha das propriedades, uma vez que elas favorecem a evolução sistêmica. Assim, a emergência de uma nova propriedade no conjunto de relações ocorridas (circunstância) tende transformar o sistema, já que “a transição de um agregado de elementos ou mesmo de sistemas para um sistema de nível mais alto é obtida a partir da emergência de propriedades que desaparecem se o novo sistema for decomposto (...)” (Santaella & Vieira, 2008, p. 31)

Além disso, as propriedades favorecem de tal modo as relações entre os signos compositores do sistema que a simples soma dos elementos será sempre menor que o todo sistêmico. Nesse contexto, torna-se relevante trazeremos ao diálogo, um dos principais expoentes dessa teoria, o biólogo Ludwig von Bertalanffy (1975), cujas palavras expressam a necessidade se considerar a dinâmica das relações das partes que compõem um sistema na relação com seu todo.

É necessário estudar não somente partes e processos isoladamente, mas também resolver os decisivos problemas encontrados na organização e na ordem que os unifica, resultante da interação dinâmica

das partes, tornando o comportamento das partes diferente quando estudado isoladamente e quando tratado no todo. (Bertalanffy, 1975, p.53)

Significa, portanto, dizer que um sistema não é simplesmente um conjunto de partes isoladas, mas de signos interconectados em determinados contextos históricos, suas circunstâncias, de tal forma que, havendo dissociação interna dos elementos, parte do sistema é perdida em sua evolução<sup>21</sup>.

No entanto, Vieira (2008) destaca que a definição de sistema de Uyemov, apesar de esclarecer o movimento interno dos signos que compõem um sistema, não faz menção ao ambiente no qual um sistema emerge, possibilitando trocas com signos externos. Para ocupar essa lacuna, vamos ao encontro dos estudos e delineações conceituais propostas pelo físico e filósofo argentino, Mario Bunge (1999).

A mais simples análise dos conceitos de sistema envolve conceitos de composição (C), ambiente (A), estrutura (E) e mecanismo (M). A *composição* de um sistema é a coleção de suas partes. O *ambiente* de um sistema é a coleção de signos que agem sobre os

componentes do sistema ou são objeto da sua ação. A *estrutura* de um sistema é a coleção de relações (em particular laço ou elos) entre os componentes do sistema, bem como entre estes e os itens ambientais. Os primeiros podem ser chamados de *endoestrutura* e os últimos de *exoestrutura* do sistema. Assim, a *estrutura total* de um sistema é a união desses dois conjuntos de relações. [...] Finalmente, o *mecanismo* de um sistema é formado pelos processos internos que o fazem funcionar, isto é, mudar em alguns aspectos enquanto o conservam em outros. (Bunge, 1999, p. 359)

Dentro dessas definições, o autor propõe a notação em que considera **S** um sistema, da seguinte maneira:

$$\mathbf{S} = \langle \mathbf{C}(\mathbf{s}), \mathbf{A}(\mathbf{s}), \mathbf{E}(\mathbf{s}), \mathbf{M}(\mathbf{s}) \rangle$$

Ou seja, o sistema **S** é dado pela quádrupla ordenada entre: os elementos que compõem **S**, do ambiente que age em **S**, das relações entre os componentes internos e externos de **S** e do mecanismo interno de **S**. Somando a isso, o fato óbvio de que esses elementos não são estáveis e que no curso do tempo, qualquer um, mais de um ou todos os elementos devem se alterar, provocando movimento (mudança) no sistema.

<sup>21</sup> Para mais, ver Bunge (1979), Vieira (2008), Mariotti (2005).

Como é possível notar, a definição de sistemas de Mario Bunge infere sobre a existência de um sistema maior, seu ambiente, envolvendo o sistema em destaque e para onde o sistema tende a evoluir. Nesse sentido, é viável considerar como sistema, um agregado de signos inter-relacionados que partilham determinadas propriedades, de modo particular, e se conectam mediatamente com signos do seu ambiente invólucro. Dado que o ambiente tende a sofrer mutações em função da maior variedade de seus elementos internos, e de suas outras conexões com sistemas ainda maiores, o sistema analisado tenderá a evoluir, adquirindo propriedades do seu ambiente. Nesse sentido, Vieira coloca que

A realidade é formada por sistemas de coisas mutáveis no tempo, em taxas de mudanças variáveis, e que essas mudanças produzem perturbações nos ambientes que envolvem essas coisas/sistemas, o que acarreta processos. Essas coisas, quando nosso intelecto consegue operar sobre elas, em algum nível, são chamadas objetos. Esses objetos podem ser os que se encontram em nossa cabeça (objetos lógicos, matemáticos, sentimentos, emoções, etc.) ou podem ser objetos que existem lá fora, independentes de nós. (Vieira, 2007, p. 22)

Esse **movimento**, que é próprio dos sistemas abertos (ou dinâmicos), pressupõe a evolução sistêmica e ao estabelecermos aproximações conceituais com a Semiótica Peirceana, encontramos no conceito de semiose<sup>22</sup>, grande afinidade teórica. A semiose, em resumo, implica na evolução processual e infinita do signo relacionando-se com outros signos que estão próximos a ele e, a partir daí, ganhando novas características para tornar-se um novo signo que estará sujeito a todo esse processo de forma mutante, infinita e ininterrupta.

Dessa maneira, é possível apontar que a organização de uma composição e o modo como o processo de interpretação sgnica ocorre, pode ser compreendida de um modo sistêmico-fenomenológico. Assumimos, portanto, o caráter sistêmico, aberto e evolutivo das mídias sociais e os reflexos e contaminações de seus ambientes externos em seus aspectos fenomenológicos.

Nesse contexto, pode-se inferir que as mídias sociais, representadas por uma dada interface de rede social digital na *web* (como Facebook), podem ser consideradas como um conjunto sistêmico (a rede interfaceada) cujas propriedades são partilhadas com elementos internos (os perfis, as *timelines*, os grupos, por exemplo) e externos

.....  
<sup>22</sup> A Semiótica Peirceana considera que os signos estão em contínuo processo de transformação de um signo em outro. Nada é estanque, tudo é processo. No item anterior, alertamos para o conceito de *continuum*, que, por sua vez, fundamenta o de semiose.

ao sistema (como os *posts* oriundos de outras *urls*, os internautas, as empresas que patrocinam publicidades, as outras redes que se integram à primeira - como o Youtube<sup>23</sup>, por exemplo -, que fazem parte de um ambiente (como a internet, a *web*, o conjunto de internautas inscritos na rede), que têm como mecanismo a sua linguagem (digital interativa interfaceadora de informações estabelecidas por signos oriundos de imagens, textos e sonoridades) e evolui (abre-se a processos semiósicos), assumindo modificações em todos os seus elementos (conjunto, ambiente, estrutura e mecanismo) na medida em que as trocas (e **movimentos**) vão sendo impulsionadas pelas **emergências** em suas devidas **circunstâncias**. Ou seja, toda e qualquer transformação em qualquer um desses elementos deverá provocar substanciais transformações nos elementos conectados a esse sistema, especialmente se lembrarmos que parte desses elementos é, justamente, o ser humano e toda sua complexidade sistêmica social.

Trazendo para nossas reflexões um debate mais aplicado, encontramos nas palavras de Pisane & Piotet (2010) respaldo para nossas inquietações quando

apontam as transformações da *web* em função da participação social midiática

As ferramentas de criação de blogs, de compartilhamento de fotos, de mensagens instantâneas, de telefonia levam um número espantosamente elevado de usuários a se tornar web atores, porque são mais simples, mais acessíveis, mais claras. Conectados em rede, permitem criar ligações, estabelecer relações quer entre dados, quer entre pessoas, ou entre pessoas e dados. A dimensão social da web encontrou-se, assim, acelerada pelo forte aumento do número de usuários e de ferramentas à disposição deles. Maior número de web atores, mais relações são estabelecidas, mais o sistema é rico e funciona melhor. (Pisani & Piotet, 2010, p.24)

Pela descrição dos autores, nota-se uma clara movimentação sistêmica (entre sistemas) no contexto das trocas simbólicas e evoluções propiciadas pelas mídias sociais. Assim, evidencia-se a complexidade e necessidade de um alcance fenomenológico para entendimento das mídias sociais como subsistema do nosso sistema social que, além de mediar grande parte das relações é capaz de provocar mudanças não apenas nas conexões estabelecidas, mas nas próprias propriedades

<sup>23</sup> Rede social digital interativa que tem como princípio o serviço de postagem e compartilhamento de vídeos por parte dos internautas. Esta ferramenta, por sua vez, é integrada ao Facebook. Assim, ao inserirmos um *link* de alguma publicação videográfica do *fica* do Youtube, na linha do tempo do Facebook, essa peça (vídeo) é exibida, sem a necessidade de migração de interface.

dos elementos, ou seja, no próprio ser humano e sua capacidade cognitiva.

## A dinâmica sistêmica dos signos em mutação: rede, links, nós e atores da web

Para tratar fenomenologicamente do tema das mídias sociais é de suma importância que sejam elencadas considerações do que é esse grande ambiente envoltório – a *web* – que tantas trocas propicia com seus agentes. A leitura que realizamos está centrada nas possibilidades de trocas viabilizadas pela *internet*<sup>24</sup> e seu sistema de protocolos, a WWW<sup>25</sup>. Um sistema totalmente aberto

em suas perspectivas de ampliação da quantidade de nós<sup>26</sup>, do número de sujeitos interatores (*web* atores) que registram suas marcas simbólicas, construindo uma babel de representações e interesses. A busca por esse entendimento é essencial para enfrentarmos a articulação de como os *web* atores (os internautas) se integram nas mídias sociais, vivenciam e experienciam essas novas linguagens e se presentificam enquanto parte operante de uma rede social que reinventa o *modus operandi* da própria sociedade. Defendendo uma filosofia da rede, Pierre Musso (2010) coloca que

A rede aponta o porvir aqui embaixo, o futuro da sociedade envolta numa rede em cujas malhas já caímos: ela se tornou uma espécie de templo da religião comunicacional mundial. (...) A rede é um veículo que nos transmuda em ‘passantes’, sempre mergulhados nos fluxos (de informações, de imagens, de sons, dados). (Musso *in* Parente, 2012, p. 36-37)

Os fluxos informacionais possibilitados pela *web*, apontados por Musso, mais do que caminhos, revelam-

<sup>26</sup> Os nós são entendidos como os pontos interfaceados da W.W.W. Constituem esses nós, os sites, subredes, perfis, *blogs*, ferramentas de mensagem instantânea e todo e qualquer tipo de ferramenta que possa ser acessada por uma interface e que pressuponha algum nível de interatividade (*linkagem*).

<sup>24</sup> A internet é a grande rede (in)fovia do ciberespaço, que abriga subredes e sistemas de intercomunicação, como aqueles que possibilitam as trocas de mensagens instantâneas (MSN, Skype, Yahoo! Messenger, Google Talk), e-mails, sistemas de armazenamento *online* de arquivos, entre outras formas.

<sup>25</sup> World Wide Web (rede de alcance mundial). Rede de protocolos que possibilita a visualização de dados por *browsers* (ou navegadores como o Internet Explorer, FireFox, Safari, Chrome) que decodificam a informação digital, traduzindo-a (intersemioticamente) em textos, imagens, sons e movimentos. A WWW é a rede mais utilizada da *internet*, no que diz respeito à atualização imediata da informação digital em forma de *sites*, *blogs*, *fojoblogs*, vídeos, e todo tipo de interface de apresentação visual das informações e seus *hiperlinks*. No entanto, há a iminente formação de várias subredes na internet, como é o caso, por exemplo, das redes sociais que se estabelecem através das mídias sociais.



se como processos imersivos mutantes, na medida em que tais fluxos são dados pelas relações interativas e seus acessos a outras novas e imediatas relações interativas.

Cada interface aqui tratada é mais um nó de uma tessitura que se cria e recria a cada momento, na ânsia de representar um objeto interfaceado digitalmente e acessível interativamente. Nessa perspectiva, Albert-Lszló Barabási (2009) oferece um importantíssimo estudo ao que denomina, “Ciência das Redes”. Para defender essa teoria, faz um apanhado sobre estudos científicos que contribuem para entendermos as conexões e trocas que as estruturas de rede estabelecem, trazendo importantes reflexões sobre a cultura digital hipermidiática da internet. Ao tratar dos *links* e nós, ele retoma a teoria dos grafos, apontando que os nós são os pontos de interconexão (no caso, as interfaces) e os *links* os caminhos dessas interconecções.

Sob um espectro geral, as interfaces são atualizações (traduções) das informações digitais exibidas na tela que fazem a mediação entre o conjunto de dados digitais e os sentidos humanos, através da materialização visual (ou sonora) de uma mensagem cognoscível. Ou seja, representam parte da circunstância dessas experiências inter-relacionais.

## Considerações finais

O surgimento de novos recursos interativos, técnicas, linguagens de programação, interfaces, *softwares*, suportes, *hardwares* e componentes de informática pressionam as produções interfaceadas a estarem sempre preparadas para serem fruídas e suportadas pelos recursos mais recentes ou mais propícios às mediações sígnicas com seu público. Se pensarmos, por exemplo, na interface do Facebook, notamos que recorrentemente sua estrutura é alterada, demarcando novos paradigmas e formatos para os processos interacionais e cognitivos. Nos anos de 2012 e 2013 assistimos às mudanças no acesso às informações pessoais, mudança de acesso aos aplicativos que se integram à rede, alteração da apresentação do perfil com fotos de capa, adaptação de formatos para a rede ser visualizada em dispositivos móveis, mudança nas notificações globais dos “amigos”, mudança na estruturação da *timeline* passando a demarcar historicamente as ações e se comportar como um *feed*<sup>27</sup> de notícias, mudança na apresentação das imagens fotográficas, aumento considerável dos espaços publicitários entre tantas outras.

.....  
<sup>27</sup> Coleção de manchetes de notícias associadas.

Uma rápida busca em um mecanismo é capaz de apontar milhares de manchetes de portais e *blogs* fazendo referências a essas alterações. Tais modificações estruturais podem ser entendidas como capacidade de adaptação das hipermídias às novas demandas (**circunstâncias**) e ao poder que elas têm de ditar tendências (provocar **emergências**) nos processos comunicacionais interativos com a ininterrupta evolução sistêmica (**movimento**) de aquisição de novas propriedades.

A evidência clara da manifestação dessa dinâmica de troca sistêmica com seus ambientes, resultando na consequente alteração de sua composição, estrutura e mecanismo – conforme análise sistêmica de Bunge (1999) – configura-se, provavelmente, como o mais contundente motivo pelo qual a rede Facebook venha se mantendo, ainda, como referência em mídias sociais. Ou seja, parece-nos plausível afirmar que o fato de o sistema (midiático social interativo) Facebook abrir sua interface e seu mecanismo interativo para constantes mudanças, favorece a adaptação dessa mídia social às próprias modificações estruturais sistêmicas da *web*, enquanto rede tecnológica que propicia e faz emergir tantas relações. Assim, esse processo dialógico de evolução sistêmica e adaptação na relação com seu ambiente, pode provocar uma permanência maior de usufruto social, conquanto seus atores encontrem ali uma interface que possibilite

a representação de seus interesses e contato com seus nichos sociais.

Do ponto de vista sistêmico, as mídias sociais caracterizam-se por exibir em seu caráter dinâmico, a baixa previsibilidade e o alto índice de propriedades emergentes, fazendo com que significamente sua composição esteja em constante reformulação. Encaramos as mídias sociais mais do que simples repositórios mediadores de conteúdos (informações) veiculados no meio da *internet*. Defendemos a ideia de que as mídias sociais não têm natureza estanque e definitiva, são do próprio ponto de vista, processos midiáticos, uma vez que suas definições mais palpáveis estão em constante mutação e transformação e que grande parte dessas movimentações decorrem da interação, usufruto e provocação de emergências dos próprios atores e pelo fato de a tecnologia (enquanto sistema mais aberto / ambiente) estar sempre provocando novos processos e circunstância para dar mais movimento às dinâmicas evolutivas.

O que se tem a impressão é de que ao entrar no mundo labiríntico das mídias sociais, nos deparamos com tantas portas e possibilidades que será necessário uma infinidade de chaves e descobertas de segredos para continuarmos a seguir. Nesse sentido, notamos que a

nossa sociedade – fazendo referência às culturas que têm acesso à internet – está aceleradamente passando por processos de redefinição em sua organização social. Isso se verifica na forma como as pessoas estão interagindo e gerando interpretantes das informações a que têm contato. Novos grupos se formam, novas linguagens de conversação se estabelecem e novas manifestações de apoio ou repúdio das relações e das informações tornam-se públicas.

Raquel Recuero (2012), aponta ao tratar sobre a conversação em rede que

A cada dia, pessoas de todo o mundo conectam-se à internet e engajam-se em interações com outras pessoas. Através dessas interações, cada uma dessas pessoas é exposta a novas ideias, diferentes pontos de vistas e novas informações. Com o advento dos sites de redes sociais, essas conversações online passaram a criar novos impactos, espalhando-se pelas conexões estabelecidas nessas ferramentas e, através

delas, sendo amplificadas para outros grupos. São centenas, milhares novas formas de trocas sociais que constroem conversações públicas, coletivas, síncronas e assíncronas, que permeiam grupos e sistemas diferentes, migram, espalham-se e semeiam novos comportamentos. (Recuero, 2012, p.121)

Assim como Recuero (2012), acreditamos nesses novos comportamentos. Passamos, após esses estudos a entender que se trata, sobretudo, de um novo paradigma social. Com especial destaque, deixamos registrada a preocupação em identificarmos como o ser humano está absorvendo essas avalanches de informações e relações sociais diárias, muitas vezes superficiais. Ou seja, como nós (complexas propriedades) tendemos a lidar com o conjunto das outras propriedades sistêmicas e de que forma a adaptação ao ambiente interfere nos processos cognitivos e relações interpessoais? Uma questão que ainda merecerá centenas de páginas, muita observação e cuidado para ser cercada.

## Referências

- CP é a notação usual para fazer referência à obra *Collected Papers of Charles Sanders Peirce* editada por HARTSHORNE, Charles; WEISS, Paul & BURKS, Arthur. Eletronic Edition. Vols. I-VI. Hartshorne, C. & Wiss, P. (ed). Cambridge: Harvard University, 1931-1935 & Vols. VII-VIII. Burks, A. W. (ed). Cambridge: Harvard University, 1958.
- ALMEIDA, Cândida. **Midias sociais: processos semióticos e sistêmicos**. Intercom, 2013. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1298-1.pdf>> Acesso em: 20 fevereiro de 2014.
- \_\_\_\_\_. **Web design: guia de produção e análise**. Tese de Doutorado. 249 págs. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, São Paulo. 2009.
- \_\_\_\_\_. Poéticas da recomposição: arte, rede e cognição. In **Estéticas Tecnológicas: novos modos de sentir**. Lucia Santaella & Priscila Arantes (org.) p.199-203. São Paulo: Educ, 2008.
- ALZAMORA, Geane. Fluxos de informação no ciberespaço – conexões emergentes. In **Revista Galáxia. São Paulo, nº13, p.75-88, 2007**
- BARABÁSI, Albert-László. **Linked (conectado): a nova ciência dos networks**. São Paulo: Leopardo Editora, 2009.
- BASTOS, Marcus. **Ex-crever? Literatura, linguagem, tecnologia**. 143f. Tese (doutorado em Comunicação e Semiótica) Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, PUC-SP, São Paulo, 2005.
- BERTALANFFY, Ludwig Von. **Teoria Geral dos Sistemas**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1975.
- BUNGE, Mario. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Ciência e desenvolvimento**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980.
- \_\_\_\_\_. **La investigacion científica**. Barcelona: Editora Ariel, 1976
- \_\_\_\_\_. **Treatise on basic philosophy** – vol. 4 Dordrecht: D. Reidel Publ.Co., 1979.
- \_\_\_\_\_. **The myth of simplicity**. Englewood Clifts: Prentice-Hall, 1963.
- IBRI, Ivo Assad. **Kósmos Noëtós: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce**. São Paulo: Perspectiva: Hólon, 1992.

JOHNSON, Steven. **Cultura da Interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LEVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

\_\_\_\_\_. **Tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MUSSO, Pierre. A filosofia da rede. *In* **Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre, Sulina, 2010.

PARENTE, André. (org.) **Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

\_\_\_\_\_. **The collected papers of Charles Sanders Peirce**. Eletronic Edition Vols. I-VI. Hartshorne, C. & Weiss, P. (ed). Cambridge: Harvard University (1931-1935), 1994.

\_\_\_\_\_. **The collected papers of Charles Sanders Peirce**. Eletronic Edition Vols. VII-VIII. Burks, A. W. (ed). Cambridge: Harvard University (1958), 1994.

\_\_\_\_\_. **Os pensadores, vol. XXVI**. São Paulo: Abril, 1974.

PISANI, Francis & PIOTET, Dominique. **Como a web transforma o mundo: alquimia das multidões**. São Paulo: Editora Senac, 2010.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

QUEIROZ *et al.* (orgs.) **Computação, cognição, semiose**. Salvador: EDUFBA, 2007.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

\_\_\_\_\_. **O método anticartesiano de C.S. Peirce**. São Paulo: UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. **A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas.** São Paulo: Pioneira, 2000.

\_\_\_\_\_. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal.** São Paulo: Iluminuras, 2001.

\_\_\_\_\_. **Semiose e Autogeração. A teoria geral dos signos.** São Paulo: Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. **Estética de Platão à Peirce.** São Paulo: Experimento, 1994.

\_\_\_\_\_. **Assinatura das coisas: Peirce e a Literatura.** Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SANTAELLA Lucia & VIEIRA, Jorge A. **Metaciência – Uma Proposta Semiótica e Sistêmica.** São Paulo: Mérito, 2008

UEXKULL, Jakob Johann von. **A Stroll through the worlds of animals and men: a picture book of invisible worlds.** Semiotica (Special Issue). 89 (4). Berlim, 1992.

UYEMOV, Avani. Problem of Direction Time and The Laws of System's development. *In: Entropy and Information in Science and Philosophy.* Praga: Elsevier Sc Publ. Co., 1975.

VIEIRA, Jorge Albuquerque. **Ontologia. Formas de conhecimento - arte e ciência: uma visão a partir da complexidade.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2008.

\_\_\_\_\_. **Ciência. Formas de conhecimento - arte e ciência: uma visão a partir da complexidade.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2007

\_\_\_\_\_. **Teoria do Conhecimento e Arte. Formas de conhecimento - arte e ciência: uma visão a partir da complexidade.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006.